

DIVERSIDADE E IDENTIDADE CULTURAL: A RELAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELIGIOSIDADE NA ESCOLA.

Urania da Costa Marques¹

Resumo Este estudo visa compreender a diversidade cultural na escola, tomando como elemento cultural a capoeira e leva em consideração a problematização das temáticas no contexto escolar e como essa diversidade nos remete a implicações relacionadas á forte presença de alunos de variados segmentos religiosos, e tem como questão norteadora: É possível trabalhar a capoeira enquanto uma atividade pedagógica da Educação Física, contemplando a Lei 10.639/03 incluindo a cultura africana no currículo, com um grande número de cristãos que são resistentes á cultura negra na escola? Dessa forma a proposta tem como objetivo mapear os conflitos e tensões presentes no cotidiano das atividades pedagógicas do Colégio Estadual Bartolomeu de Gusmão, no que diz respeito a contemplar a Lei 10.639/03 nas atividades propostas nas aulas de Educação Física.

¹ Urania da Costa Marques; Especialista em Metodologia da Educação Física, esporte e lazer. (UNEB)
Professora da Rede Pública de Ensino Estadual- SEC- BAHIA; Vinculada ao grupo de Pesquisa Formacce- UFBA;
uraniamarques@yahoo.com.br

O presente estudo tem sua origem nas inquietações surgidas durante o curso de graduação em educação física, na Universidade Católica do Salvador – UCSal, no ano de 1979 a 1983 principalmente, durante o estágio obrigatório, realizado no Centro Educacional de Periperi, situado no bairro de Periperi, no subúrbio de Salvador, no ano de 1982. Estágio no qual tivemos a oportunidade de trabalhar com alunos que demonstravam os mais diversos interesses em relação á cultura corporal, como a dança, Hip-hop, reggae, capoeira. Porém os diversos esportes oferecidos pela escola, tais como: basquetebol, futebol, handebol, ginástica rítmica, voleibol, atletismo, como oficina pedagógica, e que supostamente não tinha uma ligação direta com a identidade cultural dos alunos e não atendiam aos seus interesses em relação á cultura corporal de movimento.

O Subúrbio Ferroviário naquela época, sobretudo, o bairro de Periperi, tinha um forte movimento cultural voltado à negritude. Fazia parte do cotidiano dos jovens alunos, os bailes Black Bahia que acontecia sempre aos domingos finais de tarde, no Esporte Clube de Periperi. A escola, no entanto não oferecia atividades práticas que tivesse uma ligação direta com a comunidade e que contemplasse a cultura local como as danças e o hip hop. O que ocorria, no entanto, era durante a gincana esportiva que era uma atividade pontual, pois não constava no currículo oficial – que se tratava de um currículo eurocêntrico

No período de 1982 a 1985 fomos sugestionados pela direção da escola a trabalhar com a ginástica escolar e a modalidade esportiva de basquetebol, pois nas escolas de Salvador imperava o pensamento competitivo, e as escolas treinavam para ganhar os campeonatos nos jogos escolares.² Portanto toda a atenção era voltada para os treinos nas diversas modalidades esportivas, jogos que priorizavam corpos habilidosos e que

² Era uma questão política da época, focarmos nos jogos estudantis como forma, inclusive, de controlar a sociedade, de controlar os jovens que já vinham imbuídos nos movimentos sociais. A década de 80 foi marcada por aflorar os movimentos sociais com grande força, a exemplo do movimento sem terra, o movimento negro, o movimento da mulher, o movimento gay que depois vai se transformar no LGBT e havia uma preocupação em maquiar as ações dos estudantes através dos jogos estudantis. Portanto a Educação Física teve uma participação enorme nesse movimento político.

garantissem resultados positivos para os parâmetros instituídos no estado da Bahia.

Constatamos porem, que alguns alunos não aceitaram muito bem essa relação com a educação física, uma relação de contradição e estranheza aos costumes de como lidar com o corpo, oriundo de uma cultura corporal inserido na dança hip hop, da capoeira vivenciada por eles, para uma relação de negação das identidades culturais e a cultura corporal nas práticas pedagógicas nas aulas de educação física, que aprisiona corpos nos movimentos elaborados da ginastica calistenica organizada para disciplinar, e que não contempla as diversas culturas existentes na escola. Essa mesma escola que transbordava de desejo em pronunciar-se a partir de sua cultura, e que nos momentos em que possibilitávamos as expressões livres, nos eventos festivos, manifestavam suas danças, músicas, vestes, comida, traçando sua identidade cultural de forma contagiante e que despertavam em nós inquietações.

Inquietava-nos perceber que os alunos nos momentos de intervalo agiam com atitudes que refletiam sua identidade, a identidade da comunidade em que vivem expressados nas músicas e danças como o hip hop, a capoeira com alegria e muita propriedade. Movimentos esses que evidenciavam um sentimento de pertencimento e até de resistência aos movimentos produzidos na escola, nas aulas de educação física, que deveria respeitar a cultura desses corpos sociais, históricos e políticos, e silenciados nas práticas pedagógicas, portanto requisitados pelos alunos nos questionamentos: “Professora, quando vai ter dança de novo?”, “Quando vamos jogar capoeira na aula?” Diante de tais questionamentos as inquietações nos remeteram a reflexões em torno de quais conceitos legitimavam tais movimentos corporais e sociais e que se faziam tão evidentes nos corpos, nas falas, nos gestos, nos silêncios da comunidade, na cultura produzida no bairro de Piripiri, e que estava presente na escola.

A partir de 1991 começamos uma nova trajetória docente no Colégio Estadual Bartolomeu de Gusmão, região metropolitana de Salvador

em Lauro de Freitas- Bahia, ministrando aulas com os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II e logo depois, turmas das primeiras séries do ensino médio. A experiência inicial desenvolvida no Centro Educacional de Periperí (CEP) me constitui educadora com vistas a pensar na diversidade cultural da escola, para o Colégio Estadual Bartolomeu de Gusmão. Saímos do subúrbio ferroviário de Salvador e fomos para Lauro de Freitas, professora da rede pública estadual, concursada e lotada no referido colégio, onde os alunos são os mesmos, as questões são as mesmas: Negros, cultura afro-brasileira, movimentos, ausência de segurança. Identidades negadas e invisibilidades geradas por propostas curriculares ainda eurocêntricas. Jovens que assim como no subúrbio Ferroviário há trinta anos, se projetam em nossos alunos da vila praiana de Ipitanga, Lauro de Freitas.

Dessa forma, na nossa trajetória docente na rede pública de ensino do Estado da Bahia, surgem novas inquietações inerentes à diversidade cultural, identidade, diferenças e as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física. Inquietações estas que se fazem ainda mais presente durante os estudos realizados no curso de Especialização em Metodologia do ensino da Educação Física, esporte e lazer, da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) no ano 2001-2002, principalmente durante a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Trabalho no qual busquei aprofundar a discussão em relação aos reais interesses dos estudantes e as práticas pedagógicas estabelecidas na escola.

No entanto, no decorrer das aulas da disciplina de educação física, no colégio supracitado observamos que na atualidade trazer à tona a diversidade cultural é também, compreender como essa diversidade nos remete a implicações mais profundas envolvendo os temas abordados, pois, na escola existem para além da diversidade étnica dos corpos culturalmente envolvidos na dança, no hip hop e na capoeira, a forte presença de alunos de variados segmentos religiosos: cristãos católicos e protestantes das mais variadas denominações evangélicas, como também temos presentes alunos do candomblé. Vale salientarmos que a escola vem se reconfigurando dentro destas novas questões culturais, pois existe uma força política que está

relacionada á questão religiosa e que não vê na Educação Física importância alguma para a formação de seus fiéis, pois representa um afrontamento á estética do cristão dentro da escola.

Assim surge o interesse em desenvolver este estudo que tem como questão norteadora: *É possível trabalhar a capoeira enquanto uma atividade pedagógica da educação física, contemplando a Lei 10.639/03 incluindo a cultura africana no currículo, com um grande número de cristãos que são resistentes à cultura negra na escola?* A partir da compreensão de que precisamos entender e refletir sobre a rede de significados que a vida social constrói num âmbito cultural da sociedade, particularmente no ambiente educacional, é preciso refletir como lidar com essas “novas” configurações sociais. Quando se considera a dinâmica cultural variada na construção das ações corporais, há que considerar os processos de significação, ou seja, aquilo que dá sentido a determinadas ações corporais em todos os contextos em que os sujeitos se encontram inseridos.

Entendemos, portanto que para melhor compreendermos as diversas culturas presentes na escola precisamos conviver e aprender com as diversidades levando em consideração as concepções que prevalecem nesse campo do conhecimento. Assim, surge a necessidade de respeitar como cada aluno se identificava com uma modalidade até então estranha ao seu convívio sem perder sua identidade. *Dessa forma, a proposta tem como objetivo geral mapear os conflitos e tensões presentes no cotidiano das atividades pedagógicas do Colégio Estadual Bartolomeu de Gusmão, no que diz respeito a contemplar a Lei 10.639/03 nas atividades propostas nas aulas de educação física. Para tanto, será preciso observar como se comportam os alunos diante das atividades propostas nos projetos que envolvem temáticas que abordem a diversidade cultural; Investigar como a comunidade escolar reflete essa diversidade e como ela está presente no seu Projeto Político Pedagógico; Levantar proporcionalmente como se faz presente a diversidade religiosa na escola e compreender como as doutrinas religiosas podem e/ou interferem nas ações do cotidiano dos alunos.*

Precisamos então refletir a rede de significados que a vida social constrói num âmbito cultural da escola considerando a dinâmica de compreender como os alunos percebem a resistência à diversidade cultural no cotidiano escolar, tomando como elemento cultural a capoeira, e como ponto de partida para trabalhar a Lei 10.639. Analisar as práticas pedagógicas considerando a diversidade cultural, identificando se estas contribuem, de fato, para a valorização das diversidades. A capoeira como instrumento de educação historicamente vivenciada, como elemento da cultura corporal, símbolo de resistência, luta e identidade, estabelecendo uma relação com as práticas sociais do aluno na sociedade em que vive. A escola As relações de resistências, contradições, tensões se estabelecem, pois, existem outras etnias, mesmo em uma escola com a maioria de alunos negros.

Dessa forma, enquanto sujeito-objeto da pesquisa compreendemos que a perspectiva aqui abordada se dá partir de uma proposta antropológica, uma vez que a pesquisadora convive diariamente no contexto do campo da pesquisa. Sendo assim, a metodologia utilizada foi a etnográfica, com observação direta participante e tendo como suporte para coleta de dados aplicação de questionários e entrevistas com alunos, professores, mestres de capoeira e pastores.

Como critério para delimitação do objeto, optou-se por trabalhar com 10 turmas de primeiro ano do Ensino Médio, por serem alunos da pesquisadora e participarem direta ou indiretamente das atividades propostas, portanto princípio de observação participativa. O trabalho é pensado no viés etnográfico, porque a autora convive diretamente com os sujeitos da pesquisa durante a semana, parte de uma proposta etnográfica para fazer um levantamento exploratório do seu campo de pesquisa. Segundo (MINAYO, 2015, p. 76) “o trabalho de campo é, portanto, uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente.” Portanto a autora estabeleceu como critérios para o trabalho, dialogar com as turmas do ensino médio, elegeu como objeto da pesquisa dez turmas de primeiro ano nos turnos matutino e vespertino e que estão

diretamente envolvidos nos projetos culturais que a autora propõe para trabalhar a metodologia em Educação Física, que são: Projeto meia lua: a escola de pernas pro ar e projeto 20V: as interfaces da escola.

A análise de dados, segundo (GOMES, 2015, p. 80), “o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas.” Buscaremos analisar os conteúdos existentes nos questionários, entrevistas na tentativa de nos aproximarmos das lógicas, conflitos, confrontos existentes nesse contexto. Trabalharemos com tabelas, gráficos e interpretação das escritas nos questionários, relatórios e as coisas ditas durante o debate que visa compreender a capoeira na escola, espaço das diversas de culturas.

O estudo justifica-se pela necessidade de se compreender a importância de pensar a religiosidade na escola, dentro do espaço do Colégio Bartolomeu de Gusmão, pois a relação de corpo desses sujeitos é diferente dos outros, pois a estética é outra e trabalhar as diversas culturas que se faz presente no ambiente escolar, visivelmente identificadas nos gestos, comportamentos e silêncios dos alunos, em particular, nas aulas de Educação Física. Também pela compreensão de que uma escola com alunos que se

O COLÉGIO ESTADUAL BARTOLOMEU DE GUSMÃO FRENTE À TEMÁTICA DA DIVERSIDADE CULTURAL

No que diz respeito ao universo cultural, o Colégio Bartolomeu de Gusmão convive com diversas culturas, que emergem no interior das salas de aula, impondo suas opiniões e fazendo valer suas posições e visões de mundo. Podemos afirmar que de tudo temos um pouco, desde os religiosos fortemente presentes, de matriz religiosa cristã e matrizes religiosas africana, àqueles que se identificam índio-descendentes por conta da própria história local³. Além disso, é forte a presença da cultura negra através do hip-

³O município de Lauro de Freitas, oriundo do antigo Santo Amaro de Ipitanga, se resumia em Centro, Portão, e a praia de Ipitanga. Devida a ações políticas, nasce o bairro de Itinga, Vilas do atlântico, e outros bairros que circundam o município a exemplo do Cají. Vale salientar que em Portão existiam muitos descendentes de escravos e índios.

hop, rap, pagodeiros, fanqueiros, capoeiras, que se revelam ou se negam através da sua estética cotidiana.

Diante de realidades como essas aqui apresentas, - e nos referimos as duas situações vivenciadas pela pesquisadora: O Centro Educacional de Periperi em Salvador, e atualmente o Bartolomeu de Gusmão em Lauro de Freitas – se faz necessário pensar o currículo, visando a diversidade no contexto escolar, como um espaço de reflexão sobre as dimensões culturais, sociais, étnicas e as diferentes produções de cultura na sociedade, o que vem sendo a discussão atual da educação. Na escola, essa preocupação deve estar presente em seu Projeto Político Pedagógico, que servirá como norteador da prática docente em sala de aula.

1.2. Projeto Político Pedagógico: cala-te boca!

A partir da compreensão de que o Projeto Político Pedagógico para ter legitimidade precisa ser constituído levando em consideração os interesses pedagógicos de todos os envolvidos, no intuito de respeitar as necessidades de aprendizagem e interação dos alunos, a sua cultura, e a sua bagagem de experiências acumuladas. O projeto político pedagógico deveria ser um artefato de deslocamento das ideias verticalizadas, e, portanto, nascer do chão da escola, pois seria ele a voz do coletivo imbuído num só projeto, definindo os rumos da escola a partir das necessidades dos envolvidos, permitindo um diálogo com o currículo instituído.

Assim, nessa perspectiva a elaboração do projeto pedagógico, deveria tomar como ponto de partida o conhecimento desse aluno concreto, o que implicaria em reorganização e recriação de conteúdos, métodos e materiais de ensino adequados a suas características, necessidades e interesses de modo a contribuir para a afirmação destes, como sujeitos socioculturais, bem como valorizar e reconhecer os conhecimentos historicamente produzidos pelos diferentes grupos étnico-raciais e culturais que compõe a sociedade brasileira e a comunidade escolar. Cujo objetivo maior é formar sujeitos crítico/reflexivos atuante ativo na dinâmica

sociocultural, ou seja, deixando de ser produto para se tornar produtores de sua própria dinâmica social e que possam interferir na sociedade.

Um projeto político pedagógico, que seja construído no calor das discussões, nos embates, pois existem pensamentos e interesses antagônicos, contraditórios que dificultam a construção de um projeto multicultural, que respeite e valorize as diversas culturas da escola. No entanto o projeto político pedagógico é constituído a partir das demandas de interesses das avaliações nacional a exemplo o ENEM e outros interesses hegemônicos. Faz menção ao aspecto da diversidade cultural como forma de contemplar neste espaço teórico um direito adquirido pela lei 10.639/03, no entanto as práticas são bem distanciadas dos documentos construídos no coletivo.

A construção do Projeto Político Pedagógico, do Colégio Bartolomeu de Gusmão que utilizou como embasamento teórico, documentos oficiais que serviram de referencial para a condução do trabalho pedagógico. A reconstrução desse documento ocorreu de forma gradual nas AC's⁴ semanais por área, e a metodologia utilizada foi divisão de tópicos que constam nas orientações para o Projeto Político Pedagógico da Secretaria de Educação por grupo de trabalho.

Lícito ou ilícito a cultura negra presente na prática de educação física?

Hoje compreendemos que esse olhar diferenciado de nossas turmas, já despertava a importância de contemplar as práticas e os saberes daqueles sujeitos como forma de trabalhar autoestima e identidade cultural. Sem perceber, rompíamos com o preconceito e abríamos espaço para que a comunidade fizesse parte da escola, de onde ela nunca deveria estar ausente.

⁴ AC'S são Atividades Complementares realizadas na unidade escolar. Atividades de planejamento pedagógico, por área, em um determinado dia da semana com carga horária de cinco horas, referente a vinte horas semanais.

Ao adentrar o colégio Bartolomeu de Gusmão, a prática efetiva considerando os aspectos sócios culturais dos alunos se manteve, e diante de toda a discussão, formação e informação acerca da necessidade dessa aproximação, fomos refazendo, repensando e planejando as aulas de educação física nesse contexto. Em 2003, a Lei 10.639 chega aos espaços de educação com vistas a incluir a temática africana nos currículos escolares, o que foi um grande salto para validar as atividades que já desenvolvíamos na escola. Mas, como tudo que chega na escola, ela foi também interpretada de várias formas, pois, a referida Lei, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". A princípio como era de se esperar, as atividades que contemplassem a proposta estiveram sempre vinculadas ao dia 20 de novembro, oficialmente reconhecido como dia da consciência negra e limitada à disciplina de história, o que não era a proposta da Lei no que se refere a essa inclusão.

Por outro lado, outra dinâmica cultural aos poucos se faz presente no interior da escola que é o crescimento de alunos adeptos ao cristianismo protestante que já vinham resistindo às aulas de atividades físicas, e a introdução da capoeira nesse espaço causou ainda mais ojeriza por parte destes. No entanto, mesmo com a realidade de um grande número de cristãos que são resistentes à capoeira na escola, ela permanece forte nas atividades físicas, causando muitas vezes conflitos por conta da questão religiosa, e nesse momento me deparei com problemas ora enfrentados por tantos outros professores das demais disciplinas que é lidar com a resistência e o preconceito a cultura de matriz africana por conta de aspectos da religiosidade presente nessas atividades. "A religiosidade inconsciente não pode ser inata, por não estar presa ao biológico. Entretanto não está sendo afirmado que toda religiosidade deixa de seguir certas linhas e esquemas prestabelecidos." (BERNARDO, 2013, p. 161) Então como trabalhar diversidade em uma escola com alunos em maioria cristãos? Como essa diversidade religiosa dialoga com a realidade do currículo instituído no Colégio Estadual Bartolomeu de Gusmão?

No intuito de compreendermos as diversas identidades culturais, no colégio supracitado, representados nos comportamentos, gestos, e silêncios dos alunos nas aulas de Educação Física, buscamos vivenciar experiências pedagógicas como a prática da capoeira, e trazer as diversas formas de saberes culturais, refletindo sobre as diversas identidades do Colégio Bartolomeu de Gusmão, a partir de projetos onde os alunos pudessem expressar os seus sentimentos, identidades e dialogar com outras culturas procurando respeitá-las. BHABHA, preconiza que:

A diferença cultural não pode ser compreendida como um jogo livre e pluralidades no tempo homogêneo e vazio da comunidade nacional. O abalo de significados e valores causados pelo processo de interpretação é o efeito da perplexidade do viver nos espaços liminares da sociedade que tentei delinear. A diferença cultural, como uma forma de intervenção, participa de uma lógica de subversão suplementar semelhantes às estratégias do discurso monetário. (BHABHA, 1998, p.228).

Observamos uma escola com alunos que se mostravam insatisfeitos por não se sentirem contemplados em suas identidades cultural evidenciados muitas vezes pela não participação em atividades propostas pelos professores. No entanto durante alguns eventos em que a escola sugere atividades livres da cultura popular, percebemos uma participação mais efetiva dos alunos, diversas expressões corporais como as danças, gestos, e a oralidade a partir das músicas, poesias, pinturas, artesanato, comidas, decorações e outras formas de manifestações se pronunciaram muito intensa.

Contemplar esses sujeitos seria uma possibilidade de diálogo com a diversidade religiosa na escola, dado ao grande número de alunos cristãos no contexto escolar. Assim, resolvemos trazer o conhecimento histórico como parte de um contexto das diversidades, onde nós, professores de Educação Física, organizamos um seminário ao qual tratamos das questões concernentes aos conteúdos da capoeira, e os conflitos religiosos frente a diversidade, tomando como metodologia as pesquisas realizadas pelos alunos sobre a capoeira, e as entrevistas com os líderes de cada grupo

religioso a partir das referências que os alunos trouxeram para o debate: cristãos católicos, cristãos protestantes, representantes do candomblé, contando com o pensamento crítico dos estudantes, professores e as teorias concernentes a este tema.

Na intenção de atender as necessidades dos alunos do primeiro ano do segundo grau, organizamos um encontro sobre capoeira, samba de roda e maculelê na escola para a culminância do projeto meia lua, baseado em pesquisas teóricas, prática da roda de capoeira e contamos com a participação dos mestres de capoeira do município de Lauro de Freitas relatando e demonstrando suas vivências com a capoeira. Dessa forma, percebemos que alguns alunos resistiram ao fato de trabalharmos conteúdos relacionados a cultura afro-brasileira enquanto outros demonstraram interesse nas diversas formas de vivenciar outras culturas e assim outras necessidades de demonstrar expressões culturais emergiram, evidenciadas nos relatórios apresentados pelos alunos. E a proposta metodológica adota foi a pedagogia de projetos, surgido então o projeto: Meia Lua: A escola de pernas pro ar.

Foi a partir do Projeto Meia Lua que esses conflitos insurgentes do distanciamento entre as práticas ideológicas denominacionais de nossos alunos cristãos e a prática presente no cotidiano escolar, ficaram evidentes e nos levou a pensar esse espaço de fato enquanto diverso. Surge então, a necessidade de ampliarmos para um projeto que abrangesse tanto aos questionamentos e conflitos religiosos, quanto aos alunos que demonstrara interesse de ampliar seus conhecimentos em relação a outras culturas. Nascendo então, o projeto cultural 20 ver: As interfaces da escola.

Diversidade e religiosidade: Diálogo e conflito - Projeto meia lua: A escola de pernas pro ar: transgressão ou legitimação? Ampliamos os debates sobre conhecimentos no campo das diversidades culturais e as diversas religiões e, organizamos seminários sobre as vivências e as práticas culturais no município de Lauro de Freitas. Para tanto, foram organizados dois seminários sobre capoeira na escola, aos quais chamamos de: Projeto Meia Lua: a escola de pernas pro ar, baseado em pesquisas teóricas e vivências, tendo como

objeto de estudo a capoeira na escola. Subdivididos em dois momentos, um interno só com os alunos em sala de aula, cada grupo em sua sala, apresentando os resultados das pesquisas e articulando os conteúdos com os colegas em forma de debate, contando com a participação de professores de História e Artes e outros professores convidados.

No segundo momento o seminário aberto para toda a escola e parte da comunidade quando tivemos a oportunidade de contarmos com a participação dos mestres de capoeira do município de Lauro de Freitas, que durante o evento relataram e demonstraram suas experiências com a capoeira na comunidade. O Seminário e as vivências com a roda de capoeira e a presença dos mestres oportunizaram a oralidade para compreendermos a importância dos instrumentos utilizados na capoeira, e a forma como os mesmos eram confeccionados, apesar de alguns alunos se recusarem a participar do evento, demonstrando resistência e intolerância. Alguns pais compareceram ao evento, a exemplo de dois mestres de capoeira, e no dia seguinte fomos procurados por pais de alunos cristãos para pedir que seu filho não participasse das atividades por serem impedidos pela religião.

Todavia, a identidade é socialmente construída no plano cultural, portanto as representa em suas relações na família, na escola, no trabalho, na rua. Portanto, uma forma de compreendermos a importância dos elementos culturais na sociedade. Uma vez que “as músicas e ladainhas presentes no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes” (ABIB, 2005, p.97). Precisamos refletir a rede de significados que a vida social constrói num âmbito cultural da sociedade. Ninguém constrói sua identidade independentemente das relações com o outro, podemos pertencer a várias identidades sociais o que diverge é o sistema de relações sociais.

Os corpos embora com uma base biológica semelhante, foram e continuam a ser construídos diferentemente em cada sociedade, segundo os padrões gerais de sua cultura e respeitando as especificidades de classe social, de religião, de grupo etc. Cada

sociedade destaca e valoriza determinadas formas de uso do corpo ou determinados movimentos corporais. E assim os corpos vão se diferenciando uns dos outros, em consequência dos símbolos e valores que neles são colocados pela sociedade, em cada momento histórico específico (DAÓLIO, 1995, p.94).

Assim, a educação física é o trabalho do movimento do corpo no qual a cultura e todas as suas influências estão inseridas neste corpo, nos resta associar aos processos de aprendizagens a valorização do corpo, como a voz, movimento, reforçando outros entendimentos de valorização do corpo banalizado e explorado pelo consumo, evidenciando a autonomia, os aportes culturais. O professor não vai trabalhar só o conteúdo da capoeira, mas vai estar em consonância com a lei 10.639/2003 e com outras disciplinas.

Somando tudo isso, nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura- não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: dobuana e javanesa, Hopi e italiana, de classe alta e classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico. (GEERTZ, 2008, p.36).

Então, quando se considera a dinâmica cultural variada na construção das ações corporais há que considerar os processos de significação, ou seja, aquilo que dá sentido a determinadas ações corporais. Em outros termos, o que dá sentido ao movimento humano é o contexto onde ele se realiza. “O corpo humano é constituído culturalmente”. (DAÓLIO, 1995, p. 18). Para tanto, utilizamos como estratégias pedagógicas as pesquisas, as entrevistas, os debates, mas acima de tudo as experiências vivenciadas pelos alunos e pelos mestres de capoeira do município de Lauro de Freitas e que ainda militam na resistência e os mestres de capoeira que exercitam a capoeira, mas frequentam e atuam nas igrejas protestantes do município, para falarem a partir de seu ângulo, a partir de seu olhar. Essa experiência

trouxe para todos os alunos, um outro olhar sobre o aspecto cultural e a relação com o conhecimento afro brasileiro abordado na escola.

Acreditamos na necessidade de uma prática pedagógica reflexiva a partir da realidade da comunidade aonde vivem os nossos alunos, uma reflexão crítica voltada para os costumes, as culturas inseridas nesse contexto. Durante a construção do projeto, que se deu no coletivo, no intuito de preservar a memória e a diversidade cultural dentro de um determinado contexto, Colégio Estadual Bartolomeu de Gusmão, a ideia era um ensino para a compreensão da diversidade cultural. No entanto, as diversidades presentes, representadas pelos alunos durante o debate sobre capoeira e religião, apresentaram comportamentos agressivos em relação às práticas da capoeira nas aulas de educação física enquanto conteúdo programático, por acreditarem se tratar da inserção da cultura religiosa de matriz africana na escola por compreenderem haver fortes indícios da presença do candomblé na capoeira, portanto, “coisa do diabo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São os saberes que nos interessa independente do aluno dominar ou não os fundamentos da capoeira, o importante é permitir que o aluno se aproximasse da capoeira, que se aprofunde nos fundamentos. Proporcionar práticas relativas á cultura afro descendente como elemento de educação e manifestação cultural, vivenciando os movimentos da capoeira através de atividades recreativas lutando, brincando e jogando visando compreender a capoeira como parte da cultura corporal histórica.

Porém, mesmo diante de toda a resistência, as expressões culturais emergiram durante o processo de debates e o conhecimento, aos poucos revelou novos olhares na comunidade escolar acerca da diversidade, evidenciadas nos comportamentos, avaliações e nos relatórios.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005, p.97.*

BHABHA, Homi K. *O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p.228.*

DAÒLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo. Campinas, SP. : Papyrus, 1995, p.18, 94.*

GEERTZ, Clifford, *A interpretação das culturas. 1ªEdição. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008, p.36.*

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa, In: **MINAYO, Cecília de Souza (ORG),** *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 34ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2015, p.80.*

MINAYO, Cecília de Souza (ORG), *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 34ª edição. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2015, p.76.*

Bernardo, Marcos William. *Por que a religião?: a religião está aí. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2013, p.161.*